

[Biblioteca](#)[Cursos](#)[Dúvidas](#)[Parceiros](#)[Publicações](#)[Fale Conosco](#)[→ Artigos](#)[→ Entrevistas](#)[→ Notícias](#)[→ Eventos](#)[→ Resenhas](#)

notícias

Data Início:

-Data Fim:

-Palavra Chave:

Acesso para funcionários
do Banco do Brasil

Brasil ainda busca modelo para compartilhar conhecimento

Dá para imaginar uma comitiva de empresários chineses desembarcando em João Pessoa, na Paraíba, em busca de conhecimento? Pois foi isso o que ocorreu recentemente – em agosto. Oito executivos do país que hoje mais cresce no mundo vieram buscar no Nordeste brasileiro informações sobre o artesanato local. O objetivo? Conhecer a metodologia de fabricação de peças de barro, que os orientais descobriram dar sabor mais apurado aos seus alimentos e que está se tornando moda nas cozinhas da China.

A visita explica por que as empresas chinesas despontaram como as que mais buscam intercâmbio de conhecimento no mundo. “Eles querem aprender tudo”, diz o especialista em benchmarking Washington Sorio, que acompanha há quase uma década os movimentos de crescimento registrados no Oriente. “O diferencial dos chineses para os tigres asiáticos e os japoneses é que eles são menos predadores nessa busca”, afirma Sorio. Segundo ele, os japoneses, por exemplo, desenvolveram o seguinte método de aprendizagem: absorver os pontos fortes do concorrente para superá-lo. “É o ‘dantotsu’, que significa lutar para tornar-se “o melhor dos melhores”, diz Sorio.

Foi desse processo, desencadeado pelos japoneses na década de 1970, que nasceu um dos termos mais utilizados hoje na nova economia: o benchmarking, que nada mais é do que um processo contínuo de comparação de produtos, serviços e práticas empresariais entre os mais fortes concorrentes ou empresas reconhecidas como líderes. O procedimento permite realizar avaliações para identificar o melhor do melhores e alcançar um nível de superioridade ou vantagem competitiva.

Para Sorio, a China adota um benchmarking moderado, que poderia ser modelo para as empresas brasileiras. “O que eles fazem é quase uma aliança estratégica”, afirma. Da mesma tese compartilha Lídia Eugênia Cavalcante, professora da pasta de Alianças Estratégicas da Universidade Federal do Ceará. “Numa aliança estratégica, as empresas cooperam em nome de suas necessidades mútuas e compartilham dos riscos para alcançar um objetivo comum. Sem uma necessidade mútua, as empresas podem ter o mesmo objetivo, mas cada uma pode atingi-lo sozinha. Se elas não compartilharem de riscos significantes, não poderão

[→ Sobre a Universidade](#)[→ Comunidade de Aprendizagem](#)[→ Educação Corporativa](#)[→ Universidade em Grandes Números](#)[→ Recomendados](#)[→ Linha do Tempo](#)

Julho / 2005						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
.	01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31

esperar compromissos mútuos. As empresas somente dividem riscos se necessitam uma da outra para atingir o mesmo objetivo", afirma.

Porém, o que se observa nas corporações nacionais são movimentos tímidos nos processos que se referem a compartilhamento de conhecimento. Por enquanto, as que hoje já entenderam que esse é o caminho são as corporações multinacionais, as instituições bancárias e as empresas de nova tecnologia. Para o professor Wagner Damiani, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (Eaesp-FGV), o primeiro passo de uma empresa na direção de desenvolver uma cultura de transferência do conhecimento deve começar pelo incentivo aos funcionários de conversarem entre si. "Não há forma mais clara e direta de transmitir informações do que o próprio diálogo, seja ele espontâneo ou provocado. Isso significa que a visão tradicional e ultrapassada de alguns representantes da era industrial, de achar que as conversas nos corredores das empresas são falta do que fazer ou uma prática de funcionários preguiçosos, não cabe mais no mercado atual", avalia.

Para Lídia Eugênia, as empresas precisam buscar um nível de compartilhamento de conhecimento como o já alcançado pelas universidades brasileiras. Ela cita números interessantes. "O Brasil construiu uma relevante base científica e alcançou nível de excelência internacional em várias áreas da ciência. O sistema universitário brasileiro conta com aproximadamente 35 mil doutores trabalhando em mais de 250 instituições de ensino e pesquisa, e forma mais de seis mil doutores e 20 mil mestres por ano. O número de trabalhos científicos cresceu de três mil para 11 mil em 20 anos. Tudo graças à busca do intercâmbio de conhecimento, que pode servir de exemplo para as corporações do País", conclui.

Notícia publicada em 28/09/2004 às 09h00

Fonte: Tempestade Comunicação

